

A CONSTRUÇÃO DO PROCESSO DE ESCRITA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: UMA EXPERIÊNCIA COM ESTUDANTES DO 3º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL DA ESCOLA

MARIA ILHA BAISCH

Educação Inovadora e Transformadora

Caroline Silveira Spanavello¹
Helenise Sangoi Antunes²

RESUMO

Este trabalho constitui-se no relato de uma experiência realizada ao longo deste ano de 2017, em uma escola da rede pública estadual do município de Dona Francisca/RS com uma turma do Ciclo de Alfabetização (3º ano do Ensino Fundamental), da qual sou a docente responsável. A ação vem sendo desenvolvida a partir dos estudos realizados junto ao Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Formação Inicial, Continuada e Alfabetização (GEPFICA) vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação – Doutorado – da Universidade Federal de Santa Maria (PPGE/UFSM), e tem por objetivo desenvolver a leitura e a escrita autônoma das crianças da referida turma, sobretudo, no que se refere a produção textual. Partimos do problema inicial, onde percebemos, no início do ano letivo, que grande parte da turma estava alfabetizada (nível alfabético), porém ainda não ortográfico e com uma grande dificuldade na produção textual, sobretudo no que se refere à organização das ideias. A partir daí elaborou-se uma proposta de intervenção a qual tem, após o andamento dos primeiros meses letivos, resultado em importantes avanços na produção escrita das crianças. Por este motivo, desejamos compartilhar nossa experiência e alguns saberes produzidos de modo a contribuir com a área da leitura, escrita e alfabetização.

Palavras-chave: Escrita – Produção Textual – Alfabetização

INTRODUÇÃO

A proposta de se construir, a partir de uma experiência prática, um trabalho científico é sempre desafiadora, sobretudo quando nos encontramos imersos no universo da Escola Básica onde os saberes, sobretudo da experiência, acabam por vezes se sobrepondo ao estudo científico e aos rigores que a vida acadêmica impõe. Neste sentido, produzir um artigo científico a partir de um relato de uma experiência cotidiana, realizada em uma turma de Alfabetização, nos pareceu, em um primeiro momento algo distante, mas que, motivado pela proposta do evento

¹ Doutoranda em Educação – PPGE/UFSM; carrosspanavello@gmail.com

² Orientadora – Prof. Dra. do Programa de Pós Graduação em Educação da UFSM; professora@helenise.com.br

“Compartilhando Saberes” – PROGRAD/UFSM – trouxe-nos a certeza da possibilidade.

Elegemos para este trabalho, uma ação alfabetizadora de produção textual realizada junto ao 3ºano do Ensino Fundamental da Escola Estadual de Ensino Médio Maria Ilha Baisch a qual está localizada na Região Central do Estado do Rio Grande do Sul, no município de Dona Francisca/RS. A Escola Maria Ilha conta atualmente com uma média de 400 alunos sendo considerada, dentro do contexto das Escolas Estaduais do RS, uma escola de médio porte. A turma do 3º ano do Ensino Fundamental, é composta por 14 alunos, na faixa etária dos 8 (oito) aos 10 (dez) anos, todos em pleno processo de alfabetização e letramento.



Figura 1: Vista do Município de Dona Francisca/RS



Figura 2: Fachada da EEEM Maria Ilha Baisch



Figura 3: Turma de estudantes do 3ºano do Ensino Fundamental

Ao iniciarmos o ano letivo de 2017 junto à referida turma, percebemos que todos já estavam alfabetizados e em pleno processo de desenvolvimento da escrita alfabética. Entretanto a organização das suas ideias na produção textual, a escrita com coerência e coesão, assim como os elementos mais primários para a produção textual que envolvem a pontuação, ortografia organização das frases, ainda precisavam ser aperfeiçoadas de modo que, ao chegarem ao final deste ano letivo, estivessem produzindo textos de forma autônoma dentro daquilo que se espera para

sujeitos alfabetizados. Partiu-se então do seguinte objetivo de trabalho: "Desenvolver a leitura e a escrita autônoma das crianças da referida turma, sobretudo, no que se refere à produção textual".

A partir daí, buscando, inicialmente, os aportes teóricos sob os quais temos estruturado nossos estudos junto ao Grupo de Estudo e Pesquisa sobre Formação Inicial, Continuada e Alfabetização (GEPFICA/UFSM) e do Programa de Pós Graduação em Educação (PPGE/UFSM) e também às experiências já vivenciadas ao longo de 12 anos de docência na Escola Básica, construímos a proposta de trabalho a qual será apresentada e que vem produzindo significativos avanços no alcance do objetivo inicial.

O trabalho vem se estruturando a partir de uma proposta de Investigação-Ação, onde a cada nova ação planejada e desenvolvida, há uma avaliação e um replanejamento para continuidade dos passos seguintes. Utilizamos como fundamentação teórica principal Ferreiro & Teberosky (1985), Ferreiro (1996) e Soares (2016). Ao longo deste artigo, estaremos apresentando brevemente como ocorreu o desenvolvimento desta prática e os principais resultados já alcançados até o presente momento, assim como, os encaminhamentos futuros para que o objetivo principal seja alcançado até o término deste ano letivo de 2017.

DESENVOLVIMENTO

Para iniciar este trabalho de produção escrita partimos da escrita espontânea das crianças envolvidas no processo. Na perspectiva inicial levamos para a sala de aula algumas propostas que pudessem despertar a criatividade e o desejo pela escrita espontânea, de modo que pudéssemos de fato avaliar o nível, inicialmente de leitura e compreensão, e posteriormente de escrita e produção de cada estudante. Segundo Ferreiro e Teberosky (1985, p.6-7) "é buscando construir seu conhecimento através de elaboração de hipóteses e do produto de um conflito cognitivo que permite à criança avanços frente ao sistema da escrita".

Neste sentido, foi possibilitada a escrita espontânea em diversas situações, sobretudo vinculadas a temáticas que estavam sendo desenvolvidas no contexto mais amplo do currículo escolar. A partir destas propostas iniciais as crianças puderam então vivenciar a experiência da expressão das ideias no papel de acordo com os seus próprios saberes iniciais acerca da escrita, como podemos ver a seguir:

“O cuidado da agua A gente aprendemos sobre a agua. A profe incinou sobre o dia da agua. sobre o dia da agua a gente foi pra corsan. o funcionario mostrou um monte de maquinas mostrou agua suja e limpa e um laboratorio perguntamos perguntase ele respondia o funcionario mostrou agua com cloro”. B. (Março/2017)

“o que aprendemos como sai água branca, como fazem a leitura do idrometro, como a água é tratada, como o hidrometro mede os metros cubicos, como ver vasamento, como cuida do idrometro, e poque botam cloro e fur GA”. (Março/2017)

“Que a gripe e o resfria éra a mesma coisas depois e mãe e o pai de gustavo esplicarar para ele a diferença do resfriado e a gripe e o gustravo aprendeu que resfriado e gripe não são a mesma coisa” J. (Maio/2017)

Percebe-se nas escritas espontâneas das crianças, que havia, no início do ano letivo, uma construção de ideias se sobrepondo, e, ao mesmo tempo, um entendimento da necessidade de alguns elementos essenciais à língua, como a letra maiúscula em determinadas situações, a pontuação, acentuação e outros elementos, ainda que desordenados. Partimos então da ideia construtivista que pressupõe que não devemos desconsiderar, tampouco descaracterizar os conhecimentos prévios trazidos pelos estudantes na construção de um novo conhecimento, mas sim, na reestruturação de saberes, de modo que estes avancem de um estágio inicial para um estágio mais elaborado.

Dentro desta perspectiva, é preciso inicialmente, buscar identificar as hipóteses da criança, dentro do seu processo de construção da escrita. Para tanto, faz-se necessário possibilitar a ela o contato e a interação com os materiais escritos de forma que estes possam apresentar-se como provocações e orientações no sentido da “reestruturação de hipóteses e conceitos sobre a língua escrita” (SOARES, 2016).

Para esta autora,

O/a alfabetizador(a) não propriamente ensina, mas guia a criança em seu processo de desenvolvimento; processos internos que levam à formulação de hipóteses e à formação de conceitos sobre um objeto de conhecimento com o qual se defronta – a língua escrita. (SOARES, 2016, p. 335)

Partindo deste entendimento, fomos buscando construir o desenvolvimento do trabalho, não na perspectiva de que pudéssemos ensinar as crianças a escrever, mas na de que poderíamos mediar e intervir quando necessário, de modo que ela fossem, gradativamente, reelaborando suas próprias hipóteses de escrita.

Neste sentido, estabelecemos a produção escrita como um dos elementos constituintes da rotina semanal de trabalho, ou seja, a produção de textos escritos,

deixou de ser uma atividade eventual, esporádica e passou a constituir-se, sistematicamente, em uma tarefa constante dentro de nossa prática educativa.

A partir de então, passou-se a adotar estratégias de mediação as quais podem ser exemplificadas nas imagens à seguir:



Figura 4: atividades de interação com a leitura na bibliot..



Figura 5: Produção artística a partir da obra literária “Um pipi choveu aqui” (Sylvia Orthof)



Figura 6: Trabalhando com a leitura e produção textual a partir de uma receita.



Figura 7: Produção escrita em quadrinhos a partir de uma lenda.

Estes são alguns exemplos das atividades práticas que foram sendo desenvolvidas ao longo do primeiro semestre/2017 no sentido de, mediar a construção dos saberes acerca da leitura e da escrita dos estudantes e assim ampliar seu vocabulário, seu potencial criativo e seus saberes sobre o processo da escrita textual. Buscamos explorar os diferentes gêneros textuais, sempre aliando a leitura e compreensão à criação – às releituras e novas produções a partir de tal. Uma das propostas bastante significativas também foi a possibilidade da interação e da escrita coletiva (através de trabalhos em grupos e produções a várias mãos). Isso porque acreditamos que é no trabalho colaborativo e na troca de aprendizagens que as crianças passam a construir seus próprios universos escritos.

Sobre isso, Perez (2012) nos diz:

A criança através de suas relações interpessoais, vai gradativamente construindo conhecimentos sobre o mundo em que vive. A sua ação prática sobre o mundo lhe permite, através de situações compartilhadas com outras

pessoas, tornar-se construtora do conhecimento produzido coletivamente. (p.72)

Dentro deste contexto fomos construindo diversas possibilidades de interação e elaboração do texto escrito, partindo, sempre, do entendimento de que a criança constitui-se em um ser em constante processo de aprendizagem que precisa da mediação docente, mas que quando posta em contato com o mundo letrado, é capaz de fazer as conexões necessárias à construção do próprio conhecimento.

A partir deste trabalho, fomos estruturando uma metodologia específica para a produção do texto dissertativo/argumentativo. Construímos um instrumento próprio para a elaboração dos textos e passamos a utilizar tal instrumento, semanalmente, como atividade pedagógica planejada dentro das ações da produção textual.

PRODUÇÃO DE TEXTO

Titulo: _____

NÍCIO	_____
MEIO	_____
MEIO	_____
FIM	_____

NOME: _____
DATA: _____



Figura 8: Modelo de formulário pra produção textual elaborado para a turma

É válido destacar que a utilização deste formulário para produção textual é feita sempre, a partir de 5 momentos distintos: sensibilização para o tema; orientação; correção cooperativa; reescrita; leitura do texto produzido.

A sensibilização é sempre o momento inicial onde partimos de alguma atividade mobilizadora de saberes: um vídeo, uma gravura, uma história literária, um fato cotidiano ou inusitado, um tema em discussão. Procuramos sempre trazer alguns subsídios visuais, orais e argumentativos para que os estudantes também possam construir os seus próprios argumentos necessários à construção do referido

texto. Sobre isso, temos observado que, sempre que há uma escolha aleatória de um tema sem significado, a produção escrita torna-se vazia e por vezes, as crianças sentem certa dificuldade em produzir. Entretanto, quando se trata de um tema que eles dominam o assunto, a escrita é rica e feita de forma prazerosa.

Trazemos este ponto para discussão, justamente para problematizarmos algumas das práticas pedagógicas de produção textual que são cotidianamente desenvolvidas nas turmas de alfabetização e que acabam por resultar poucos avanços no processo de escrita por não estimularem a criatividade, criticidade e o desejo pela escrita. Nos referimos à produções em torno de figuras sem sentido (sem conexão com o contexto), propostas textuais sobre assuntos que não fazem parte da realidade das crianças ou ainda, escritas programadas que não exploram o senso crítico e a criatividade. Sobre isso Oliveira (2012) diz:

Toda atividade de leitura e de escrita deve estar integrada às demais atividades desenvolvidas cotidianamente em sala de aula. Qualquer experiência que a criança realize, qualquer experiência vivida coletivamente pelo grupo, pode se transformar, em sala de aula, num momento de produção de conhecimento e de prazer. (p.79)

O segundo elemento constituído dentro deste contexto de produção textual é o da orientação. Nele, buscamos orientar a escrita das crianças no sentido de que compreendam que um texto, escrito dentro das normas da Língua Portuguesa, precisa pautar-se por algumas regras básicas como a existência de um título (centralizado e relacionado ao tema proposto), parágrafos nos inícios das novas ideias, letras maiúsculas nos inícios das frases e também nos substantivos próprios e a organização básica (início, desenvolvimento – meio, e o desfecho – fim). Esta orientação é passada oralmente, porém conforme a criança vai elaborando o texto, vamos lendo e orientando esta organização.

O próximo passo é a correção cooperativa, onde fazemos, na condição de docentes, uma leitura com a criança em torno do seu texto, apontando as correções necessárias (sempre a lápis que é o instrumento utilizado pelas crianças para a produção). Chamamos de uma correção cooperativa, pois não fazemos a simples correção dos erros, mas buscamos levar as crianças a visualizarem os mesmos e concluírem o que precisam corrigir. Findada esta etapa, ocorre o processo de reescrita do texto, agora no caderno, onde cada criança “passa a limpo” a sua produção, fazendo as devidas correções (ortográficas, de pontuação, de

organização). O formulário inicial fica armazenado em um portfólio, com as datas das produções e serve também para auxiliar na realização dos diagnósticos avaliativos em cada trimestre letivo.

O último passo é a leitura das produções, já devidamente corrigidas e reescritas. Cada estudante tem a oportunidade de apresentar seu texto aos demais colegas da turma e assim, lendo em voz alta, também verificar o resultado de sua produção escrita. Esta tarefa, tem se mostrado bastante interessante, não somente na questão da leitura do texto em si, mas sobretudo, na possibilidade de que cada um possa ir até a frente da turma, apresentar seu trabalho e com isso melhorar sua autoestima e autoconfiança as quais são fundamentais para a constituição dos processos de aprendizagem nesta etapa escolar.

Destaco novamente, que este trabalho tem feito parte de nossa rotina semanal de atividades, ou seja, a produção textual deixou de ser uma atividade eventual e isolada para ser um elemento de nossa rotina semanal de trabalho, junto com as artes, a educação física, a informática, a biblioteca e outras. Destacamos esta informação, justamente porque percebemos que os resultados e avanços tem sido significativos, especialmente, quando observamos o portfólio avaliativo e verificamos as produções do início do ano letivo e sua gradativa qualificação até o presente momento.

RESULTADOS

O desenvolvimento desta proposta de trabalho, baseada no planejamento, intervenção, avaliação e replanejamento, tem trazido significativos avanços no processo de escrita dos estudantes do 3ºano do Ensino Fundamental da EEEM Maria Ilha Baisch. Dentre outros, destacamos o fato de a escrita, que já era alfabética, agora aproximar-se da escrita ortográfica (obedecendo as normas da Língua), tem havido também uma melhor compreensão do texto (parágrafo, pontuação, letras maiúsculas no início das frases/meio/fim). Também observamos que os textos tem sido escritos de forma mais criativa e a escrita tem tido um melhor significado (coesão e coerência), além de o traçado da letra estar se tornando mais claro e preciso como podemos observar em alguns exemplos a seguir:

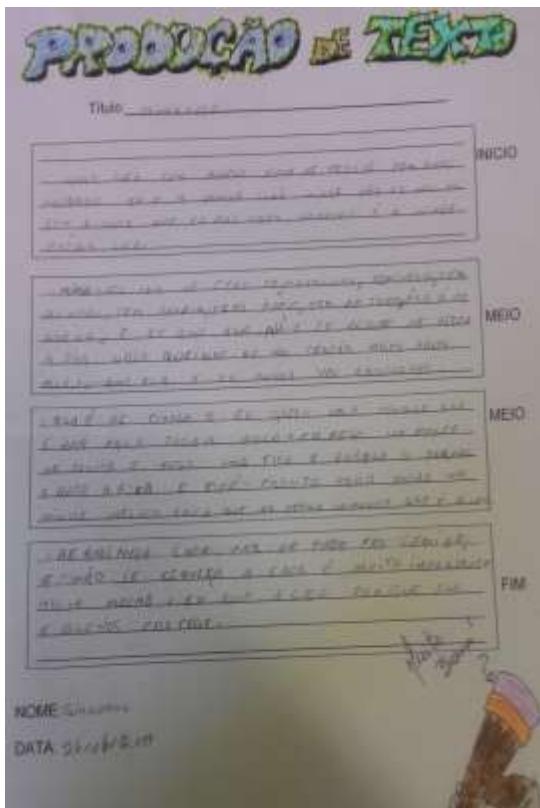


Figura 9: Texto produzido por um aluno em Junho/2017

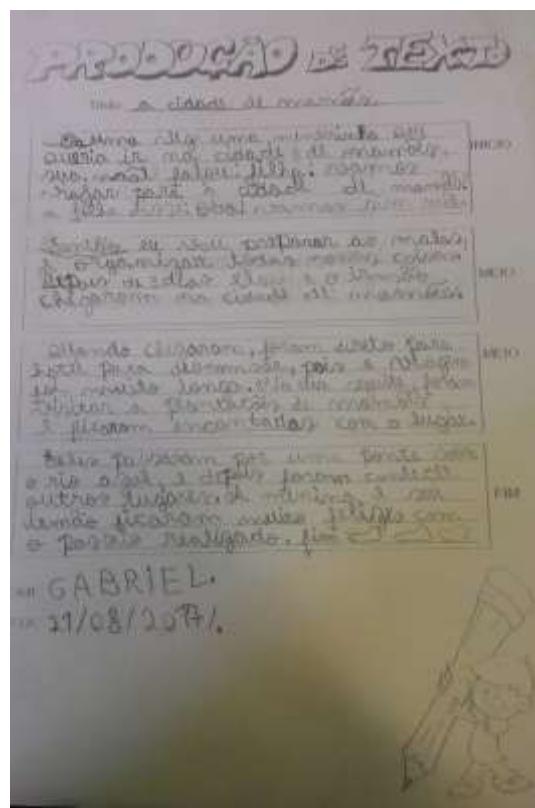


Figura 10: Texto produzido por um aluno em Agosto/2017

Além disso, devemos destacar a participação das famílias neste processo de construção escrita das crianças, uma vez, que, a partir do momento que estruturamos esta proposta de trabalho, temos tido uma efetiva participação também dos pais no processo de leitura, correção e reescrita dos textos sempre que necessário. Temos recebido também o retorno positivo de alguns deles, nos informando sobre o crescimento das crianças e o envolvimento com as atividades de produção textual, o que nos deixa bastante otimistas em relação ao objetivo inicial proposto que era o de “desenvolver a leitura e a escrita autônoma das crianças da referida turma, especialmente em relação a produção textual”. Acreditamos estarmos no caminho do pleno alcance deste objetivo e almejamos aperfeiçoar ainda mais estas propostas de modo que nos próximos meses a escrita autônoma fluia já sem a intervenção do instrumento de produção criado.

Assim sendo, nossa conclusão até o presente momento, passa pelo entendimento de que

É necessário imaginação pedagógica para dar às crianças oportunidades ricas e variáveis de interagir com a linguagem escrita. É necessário

formação pedagógica para compreender as respostas e as perguntas das crianças. É necessário entender que a aprendizagem da linguagem escrita é muito mais que a aprendizagem de um código de transcrição: é a construção de um sistema de representação. (FERREIRO, 1996)

Estamos em busca e acreditamos ainda termos um longo caminho a ser trilhado na perspectiva da formação. Não queremos com isso comprovar a necessidade de um método ou de passos sistematizados para a produção da escrita ortográfica, tampouco, para o desenvolvimento da produção textual. Queremos sim, corroborar o que nos diz Ferreiro (1996) sobre o papel docente neste processo, como mediador, interventor e motivador da criatividade e das aprendizagens. Esta é a nossa busca e este constitui-se o centro de nossas pesquisas dentro do GEPFICA. Acreditamos no potencial docente para a mediação do conhecimento e a produção da linguagem lida, escrita e falada. Temos por isso a importante tarefa de formarmos sujeitos e nos autoformarmos neste processo para que cada vez mais possamos também nós contribuir com a alfabetização de nossas crianças.

REFERÊNCIAS:

- FERREIRO, E.; Teberosky, A. A Psicogênese da Língua Escrita. PortoAlegre: Artes Medicas 1985.
- FERREIRO, E. Reflexões sobre alfabetização. São Paulo: Editora Cortez, 1996.
- OLIVEIRA, A.M.M. A formação de professores Alfabetizadores: lições da prática. In: Garcia, R.L (org). Alfabetização dos alunos das classes populares: ainda um desafio. São Paulo: Cortez, 2012.
- PEREZ, C.L.V. O prazer de descobrir e conhecer. In: Garcia, R.L (org). Alfabetização dos alunos das classes populares: ainda um desafio. São Paulo: Cortez, 2012.
- SOARES, M. Alfabetização: a questão dos métodos. São Paulo: Contexto, 2016.

LISTA DE IMAGENS

- Figura 1: Vista do Município de Dona Francisca/RS
- Figura 2: Fachada da EEEM Maria Ilha Baisch
- Figura 3: Turma de estudantes do 3ºano do Ensino Fundamental
- Figura 4: atividades de interação com a leitura na bibliot..
- Figura 5: Produção artística a partir da obra literária “U pipi choveu aqui” (Sylvia Orthof)

Figura 6: Trabalhando com a leitura e produção textual a partir de uma receita.

Figura 7: Produção escrita em quadrinhos a partir de uma lenda.

Figura 8: Modelo de formulário pra produção textual elaborado para a turma

Figura 9: Texto produzido por um aluno em Junho/2017

Figura 10: Texto produzido por um aluno em Agosto/2017